

**Sociedade romana e o estoicismo: a importância da filosofia nos escritos de Lucius Sêneca**

Marcos Luís Ehrhardt

**Resumo:** Esse trabalho tem por objetivo discutir a importância dos estudos filosóficos nos escritos de Lucius Seneca, principalmente nas Cartas a Lucílio. Vinculado ao estoicismo, Sêneca defende que a filosofia cumpra uma função pedagógica e contribua para corrigir os problemas da sociedade romana em sua época e servir de modelo para a posteridade.

**Palavras chaves:** Sêneca, sociedade romana, filosofia, estoicismo.

**Abstract:** this work objective to discuss the philosophies studies importance in the Lucius Seneca writings, principally in the Lucílio's letters. Linked stoicism, Seneca defend which the philosophy execute a pedagogic function and contribute from correct the Roman society problems in your period and to serve as model for posterity.

**Key Words:** Seneca, roman society, philosophy, stoicism.

Acima de tudo, porém, refugia-te na filosofia.  
(Sêneca, Cartas a Lucílio, 58,4)

A partir do terceiro século antes de Cristo, assistimos a mudanças profundas no mundo helenístico. É o tempo do enfraquecimento das poleis gregas, das emigrações e misturas de diferentes povos, de constantes desarraigamentos, do Oriente para o Ocidente, do Ocidente para o Oriente.

Destacam-se, nesse contexto, duas grandes escolas filosóficas: o epicurismo, escola fundada por Epicuro; e a escola fundada por Zenão de *Cicum*, estóica, do grego “*stoa*”, pórtico. Este último era um fenício helenizado oriundo da cidade de Chipre, que vai exercer grande influência sobre as monarquias desse período que se mostram devotadas, no aspecto político, a regentes deificados. As duas correntes filosóficas querem oferecer muito mais do que teoria, o que almejam é oferecer aos interessados e iniciados um modo de vida, quer seja, são orientações práticas para o cotidiano das pessoas.

Norberto Bobbio, referindo-se ao estoicismo, diz que se trata de “uma filosofia moral concreta, que insere elementos universais e comuns a todos os homens na vida real da sociedade” (BOBBIO, 1999:24).

---

•Professor Assistente do Colegiado do Curso de História da UNIOESTE/PR, doutorando em História pela UFPR, bolsista CAPES.

A filosofia estóica defende, em alguns momentos, a participação dos seus iniciados na vida pública e, portanto, política da cidade. Sêneca procura então, seguir as orientações dos seus mestres e demonstra como e em que momento tal participação torna-se necessária. Observamos que a postura do filósofo cordobês em relação a esse tema é pautada nas experiências e conjunturas que ele experimenta e participa.

Na Carta 73 das Epístolas Morais, (*Ad Lucilium Epistulae Morales*) podemos constatar a relação que ele defende entre o filósofo iniciado nos ensinamentos do estoicismo e o governante:

*os filósofos, portanto, que nos seus esforços com vista a uma vida consagrada à moral, só tem a beneficiar com a segurança social, veneram como a um pai o príncipe a quem devem tal benesse (...) Apenas esse homem pode testemunhar desinteressadamente em favor do príncipe e ter em relação a ele, sem que este o saiba, uma enorme dívida de gratidão. (SÊNECA, 1991:288)*

A enorme importância dada por Sêneca do papel do filósofo na vida política da cidade pode ser observada em trecho do tratado *Da Ira*, no segundo livro, no qual diz que “importante es para esto elegir preceptores y pedagogos de plácido carácter. Todo lo tierno se adhiere a lo inmediato y crece conformándose com elle: el adolescente reproduce muy pronto lãs costumbres de lãs nodrizas y pedagogos” (SÊNECA, 1952:434)

Sêneca recupera, em boa parte do conjunto de sua obra, o cenário dos governos de Calígula, Cláudio e Nero, vividos intensamente por ele, nos bastidores ou tendo as rédeas do poder em suas mãos. Há uma riqueza da vida cotidiana do mundo romano, bem como da vida pessoal das duas personagens, quer seja, o filósofo cordobês e seu discípulo Lucílio. “A sua filosofia, portanto, não é fruto de uma meditação abstrata (...) mas sim resultado de uma luta de todos os dias contra as imposições do momento, contra a fortuna e a adversidade, contra as próprias fraquezas, o inimigo mais difícil de vencer”. (CAMPOS, 1991: XXI).

Sêneca defende, na formação do seu modelo, a importância da filosofia e dos estudos. Aproximar-se da filosofia é o melhor caminho, pois para ele na filosofia reside à saúde verdadeira, ela dá forma e estrutura a alma, ensina os rumos da vida, pois uma vida verdadeiramente feliz é produto de uma sabedoria plenamente alcançada. Para Sêneca: “O objetivo da filosofia consiste em dar forma e estrutura à nossa alma, em ensinar-nos um rumo na vida, em orientar os nossos atos, em apontar-nos o que devemos fazer ou por de lado (...) sem ela ninguém pode viver sem temor, ninguém pode viver em segurança”. (SÊNECA, 1991:55).

Ao longo dos escritos senequianos, podemos perceber a influência de Cícero, e este era um dos grandes autores lidos no período imperial. Para Henri-Irénée Marrou, “Cícero insiste na necessidade de uma preparação filosófica sólida. O conhecimento da história e do direito era fundamental para a formação de um bom romano, seja ele um cidadão comum, seja ele um homem de estado”. (MARROU, 1990:437/8).

Para o mesmo Marrou, “(...) o homem verdadeiramente culto não é apenas um “letrado”, mas também um erudito, um sábio, sob o nome de ciência devendo-se, essencialmente, compreender esta erudição adquirida a margem dos clássicos” (MARROU, 1990:433).

A iniciação e posterior domínio da filosofia faz segundo Sêneca, o iniciado mais seguro de si, auxilia a enfrentar os problemas cotidianos e os temores da vida; propicia o discernimento para separar o certo do errado, o bom do mal, o amigo verdadeiro do inimigo, muitas vezes disfarçado de amigo. Para ele era preciso interiorizar a filosofia no mais íntimo do ser, torná-la uma amiga inseparável. Diz ele a Lucílio acerca da importância da filosofia na sua formação: “(...) para a tua formação a opinião que tenhas sobre ti mesmo importa muito mais do que a dos outros (...) em levar-te a querer agradar mais a ti do que ao vulgo, a avaliar a qualidade, e não o número, das pessoas que emitem juízos sobre ti, (...) a poder vencer a adversidade ou a pô-lhe a cobro”. (SÊNECA, 1991:110).

A sua filosofia é uma filosofia pragmática, voltada a enfrentar os problemas cotidianos. Diz ele: “na filosofia não basta, como é o caso nas outras ciências, confiar na memória, devemos pô-la em prova através da ação. Para ser feliz não basta conhecer a teoria, há que pô-la em prática” (SÊNECA, 1991:307).

Sua defesa recai não no falar, numa retórica vazia, mas no ensino e na ação. “Tem de viver para os outros quem quiser viver para si mesmo. (...) Se queres saber o que a filosofia traz de útil à humanidade, dir-te-ei: os seus preceitos pois a filosofia não elege alguém especial, sua luz está ao alcance de todos indistintamente” (SÊNECA, 1991:162).

Uma distinção entre “homens comuns” e “homens dotados de sabedoria”, faz-se pelo estudo da filosofia. Sêneca é categórico acerca da diferença que separa os dois grupos quando nos diz, “dirige todo teu espírito para a filosofia, acompanha-a sempre, pratica-a sempre: uma enorme distância te separará dos demais homens; ficarás muito à frente do resto da humanidade e os deuses pouco se distanciarão de ti”. (SÊNECA, 1991:183).

Em alguns momentos, Sêneca estabelece uma relação terapêutica com a filosofia. Em trecho da Epístola 52 ele nos diz: “guardai um silêncio respeitoso, recebei de bom grado a cura que a filosofia vos dá”, (SÊNECA, 1991:179) ou ainda em trecho da carta 94 ele interroga: “E o que é, afinal a filosofia senão a lei que rege a totalidade da vida? (...) Os tratados ministram variados tipos de preceitos, e graças a eles consegue chegar-se a um estado de espírito perfeitamente equilibrado”.(SÊNECA, 1991:491).

O fortalecimento do espírito e de uma alma grandiosa, preparada para enfrentar os problemas de uma vida atribulada é constantemente defendido por Sêneca se buscarmos refúgio na filosofia. Para ele: “(...) quem fizer da filosofia uma terapêutica tornar-se-á forte de espírito, cheio de autoconfiança, atingirá uma altura inigualável e tanto maior quanto mais dela nos aproximamos”.

(SÊNECA, 1991:616).

Esta aproximação, iniciação e posterior aplicabilidade dos estudos filosóficos, que visam, segundo o filósofo, na busca de uma vida elevada, como escudo e fortaleza para os problemas cotidianos, devem ser feitos de forma disciplinada, organizada preferencialmente com auxílio de alguém experiente, já iniciado nos estudos, pois do contrário, acarretaria em dispersão e esforços vãos.

Esta orientação evitaria leituras demasiadas, pois para Sêneca era preciso buscar qualidade e não quantidade como ele mesmo afirma: “não interessa a quantidade, mas sim a qualidade: a leitura é proveitosa se for metódica, se apenas for variada torna-se um mero divertimento”. (SÊNECA, 1991:150).

Os conselhos dado ao discípulo, pelo menos era assim que Sêneca desejava que fosse, no orientariam na escolha considerada certa de autores mais indicados a cada área, a cada problema, a cada etapa a ser superada na busca de um objetivo, que para nós, trata-se do modelo de filósofo e homem a ser atingido.

Sêneca se coloca como alguém mais apto a apontar os caminhos, pois o cordobês já acumulava experiência e um caminho mais longo na referida arte. Diz ele ao jovem Lucílio: “se queres um conselho, dirige-te aos antigos: para nos auxiliar tanto podemos recorrer aos vivos como aos mortos”. (SÊNECA, 1991:178).

Há um trecho lapidar na Carta 84 desta orientação de mestre para discípulo quando Sêneca diz que, “a leitura, é de fato, em meu entender, imprescindível: primeiro, para me não dar por satisfeito só com as minhas obras, segundo, para ao informar-me dos problemas investigados pelos outros, poder ajuizar das descobertas já feitas e conjeturar os que ainda há por fazer”.(SÊNECA,1991:379)

Para Sêneca era preciso intercalar a arte da leitura e da escrita, quer seja, buscar um equilíbrio entre ambas, pois as idéias surgidas durante as leituras tomariam forma durante a escrita. “Teremos de nos aplicar ao estudo, de freqüentar os mestres da filosofia, a fim de assimilarmos os princípios já estabelecidos e investigar o que ainda está por descobrir”. (SÊNECA, 1991:568).

A filosofia serviria ainda, para uma utilidade prática, pois o homem iniciado nos estudos poderia se colocar a serviço de seu semelhante e a serviço do bem comum. “Ora, os homens de bem são úteis uns aos outros. A sua função é praticar a virtude e manter a sabedoria num estado de perfeito equilíbrio. (...) Um homem de bem só pode ser útil a outro homem de bem. Na realidade, ser útil consiste em estimular o espírito segundo a natureza por ação da própria virtude”. (SÊNECA, 1991:603).

Sêneca não perde de vista o fato de que está falando também para seus pares. Não esconde, ao longo de suas reflexões, que há “homens escolhidos” para a missão de ensinar, e há

aqueles que devem apreender pois são aptos a isso, e todos juntos irão educar a humanidade. Tal aspecto nos reporta também a ênfase dado pelo autor ao papel do “sábio” na sociedade romana e a toda a humanidade.

Para ele:

*a perfeição absoluta é aquela que é perfeita em relação à ordem universal da natureza, e esta é racional; os diversos seres só podem ser perfeitos em relação à sua espécie. Em suma, o bem só existe em quem existe a razão. (...) Esse bem que consiste numa alma escorreita e pura, émula da divindade, erguida acima do vulgo humano e sem recorrer a nada exterior a ti? És um animal racional. Qual é então o teu bem próprio? A perfeita razão. (SÊNECA, 1991:701).*

Para se atingir a condição de sábio, é preciso que haja um esforço contínuo, um empenho constante e árduo, além de exercícios de reflexão diários que Sêneca propaga em seus textos, através de exemplos seus, “modestamente” se colocando com um homem em constante aprendizado, e de outros autores que ele elege. No tratado intitulado “Da Vida Feliz” (*De vita beata*) o autor afirma: “a mim me basta cada dia tolher um dos meus defeitos e corrigir os meus erros.(...) O que digo não é defesa própria (sou um efetivo mostruário de defeitos), mas para defender aqueles que conseguiram certo progresso”.(SÊNECA, 1991:47)

Insistimos, portanto, no aspecto do papel de Sêneca e de sua filosofia na história do pensamento do primeiro século da era cristã, e na possibilidade de construir um modelo a partir de seus escritos, pois como ele afirma: “o homem perfeito, possuidor de virtude, nunca se queixa da fortuna, (...) convicto de ser um cidadão do universo, um soldado pronto a tudo, aceita as dificuldades como uma missão que lhes é confiada. Tal homem possui uma alma perfeita, levada ao máximo das suas potencialidades, tal que acima dela não há senão a inteligência divina, uma parte da qual, aliás, transitou até este peito mortal”. (SÊNECA, 1991:674)

Em suma, a filosofia prepara os homens para as lutas diárias, para os enfrentamentos da fortuna, pois para Sêneca esta deveria não ser apenas teórica, mas pragmática; além disso, é arte fundamental para preparar alguns homens na missão de educar para a vida e para a morte, aos coevos e as gerações que virão.

Cleonice Furtado Van Raij, em estudo introdutório das *Cartas Consolatórias* afirma: “Plutarco e Sêneca são considerados os dois médicos de alma que melhor souberam preparar as ‘beberagens morais’ que levassem o homem a suplantar a dor, sobremodo a da perda, tão viva, tão profunda, tão certa, tão agressiva, tão inimiga de toda razão”.(VAN RAIJ, 1992:19).

Vivendo em época conturbada, assistindo, segundo afirma o próprio filósofo em grande parte dos seus escritos, e parte da sua geração, a certa decadência de valores, principalmente morais, a filosofia deveria cumprir este papel pedagógico: propagar ética, ensinar valores morais, ensinar uma vida virtuosa, afastada dos vícios, educar para uma boa conduta política e pessoal.

Para o filósofo latino, referindo-se a filosofia: “Esta já foi, menos complicada, quando as faltas dos homens eram menos graves e podiam sanar-se com cuidados ligeiros. Para lutar contra uma loucura tão violenta e tão largamente difundida a filosofia tornou-se mais complexa, teve de ganhar um acréscimo de forças proporcional ao acréscimo dos males que combate”. (SÊNECA, 1991:511).

Verificamos aí um Sêneca preocupado com a paz no Império; na sua afirmação, pretende atingir a todos. Aos cidadãos, para buscarem uma vida correta, reta, portanto, virtuosa; para os governantes, uma administração que atinja concórdia. Beneficiar a todos mesmo que não haja uma contrapartida; quer seja, fazer o bem sem nada esperar em troca, pois é obrigação do homem virtuoso fazer isso; proporcionar benefícios a todos os habitantes do Império. Este homem iniciado na filosofia tem plenas condições de discernir o verdadeiro valor desses benéficos, o local, a importância, e a quem distribuir.

Adquirir sabedoria escolhendo cuidadosamente os modelos é uma constante preocupação para Sêneca. Jamais o processo do conhecimento é uma via de mão única; ao contrário, quem ensina também aprende, pois é preciso, segundo o autor, aproximar-se dos bons exemplos e afastar-se dos “casos desesperados”. Quando se tornar um mestre, escolher discípulos com força e capacidade para enfrentar os desafios de um verdadeiro estudo filosófico. Para ele, orientando Lucílio, “somente a filosofia poderá acordar-nos, só ela poderá sacudir-nos de um sono pesado: dedica-te inteiramente a ela!”. (SÊNECA, 1991:183).

### **Referências bibliográficas:**

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. Dicionário de Política. Brasília: Editora da UnB, 1999.

MARROU, Henri-Irénée. **História da Educação na Antigüidade**. São Paulo: EPU, 1990.

SENECA, Lucius Annaeus. **A Vida Feliz**. Tradução: Cleonice Furtado Mendonça Van Raij. Campinas: Pontes, 1991.

SENECA, Lucius Annaeus. **Cartas a Lucílio**. Tradução, Prefácio e Notas de J. Segurado e Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.